



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

MATEUS VITOR DOS SANTOS

**VULNERABILIDADE E EDUCAÇÃO: O PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES DA COMUNIDADE DE SANTA FÉ EM
SOLÂNEA-PB**

BANANEIRAS - PB

2025

MATEUS VITOR DOS SANTOS

**VULNERABILIDADE E EDUCAÇÃO: O PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES DA COMUNIDADE DE SANTA FÉ EM
SOLÂNEA-PB**

Artigo apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Campus III – Bananeiras, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Rebelo Martins

BANANEIRAS - PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237v Santos, Mateus Vitor Dos.

Vulnerabilidade e educação: o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes da comunidade de Santa Fé em Solânea-PB / Mateus Vitor Dos Santos. - Bananeiras, 2025.

34 f.

Orientação: Maurício Rebelo Martins.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHSA.

1. Vulnerabilidade. 2. Condições. 3. Socioeconômicas. 4. Ensino. 5. Aprendizagem. I. Martins, Maurício Rebelo. II. Título.

UFPB/CCHSA-BANANEIRAS

CDU 37(042)

MATEUS VITOR DOS SANTOS

**VULNERABILIDADE E EDUCAÇÃO: O PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES DA COMUNIDADE DE SANTA FÉ EM
SOLÂNEA-PB**

Artigo orientado pelo Prof. Dr. Maurício Rebelo Martins
Submetido ao Curso de Pedagogia no dia 7 de maio de
2025
Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maurício Rebelo Martins
Orientador

Profa. Dra. Maria da Conceição Farias da Silva Gurgel Dutra
Examinadora Titular

Profa. Dra. Profa. Dra. Vivian Galdino de Andrade
Examinadora Titular

BANANEIRAS - PB

2025

VULNERABILIDADE E EDUCAÇÃO: O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES DA COMUNIDADE DE SANTA FÉ EM SOLÂNEA-PB

Mateus Vitor dos Santos¹

RESUMO

O presente artigo se orienta a partir da seguinte pergunta: Como as condições socioeconômicas afetam o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes da comunidade de Santa Fé, em Solânea-PB? Nesse sentido, o objetivo geral é compreender como as relações socioeconômicas e as situações de vulnerabilidade social afetam o processo de ensino e aprendizagem das crianças e jovens da comunidade de Santa Fé, Solânea-PB. E, como objetivos específicos, analisar de qual maneira as condições socioeconômicas dificultam a aprendizagem dos estudantes da Escola Padre Ibiapina; identificar como o fato das crianças e jovens estarem em situação de vulnerabilidade social afeta a dinâmica no ambiente escolar e, por último, verificar com os docentes as estratégias escolares de enfrentamento das vulnerabilidades. O interesse e a motivação para a realização dessa pesquisa parte da minha experiência pessoal como morador da comunidade, onde em muitos casos observei que as condições socioeconômicas eram um grande desafio para os moradores. Ademais, pude vivenciar os desafios da Escola Municipal do Ensino Fundamental Padre Ibiapina em um projeto de reforço ligado à um programa de extensão da UFPB e nos estágios supervisionados em Educação Infantil e Educação do campo. A pesquisa realizada é de natureza básica, de abordagem qualitativa e exploratória quanto aos seus objetivos. Os sujeitos dessa pesquisa foram 4 (quatro) professores da instituição. Com relação aos procedimentos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e em seguida um estudo de caso. Assim, fizemos a leitura de textos de autores que orientaram essa pesquisa, tais como Carneiro, Veiga, Scott, Moraes, Raffaelli, Koller, Aquino, Paletta, Almeida, Antunes, Minto, Kramer e Janczura. Para o estudo de caso, foram realizadas entrevistas com 13 perguntas estruturadas. Os resultados da pesquisa evidenciam que as condições socioeconômicas e as vulnerabilidades afetam a vida e o ensino e aprendizagem das crianças da comunidade de diversas maneiras.

Palavras-chave: Vulnerabilidade; Condições; Socioeconômicas; Ensino; Aprendizagem.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias, Campus III/UFPB.

ABSTRACT:

This article is guided by the following question: How do socioeconomic conditions affect the teaching and learning process of students in the community of Santa Fé, in Solânea-PB? In this sense, the general objective is to understand how socioeconomic relations and situations of social vulnerability affect the teaching and learning process of children and young people in the community of Santa Fé, Solânea-PB. And, as specific objectives, to analyze how socioeconomic conditions hinder the learning of students at the Padre Ibiapina school; to identify how the fact that children and young people are in a situation of social vulnerability affects the dynamics in the school environment and, finally, to verify with teachers the school strategies for coping with vulnerabilities. The interest and motivation for carrying out this research comes from my personal experience as a resident of the community, where in many cases I observed that socioeconomic conditions were a great challenge for the residents. Furthermore, I was able to experience the challenges of the Padre Ibiapina School in a reinforcement project linked to an extension program of the UFPB and in supervised internships in Early Childhood Education and Rural Education. The research carried out is of a basic nature, with a qualitative and exploratory approach regarding its objectives. The subjects of this research were 4 (four) teachers from the institution. Regarding the procedures, a bibliographical research was carried out and then a case study. Thus, we read texts by authors who guided this research, such as Carneiro, Veiga, Scott, Morais, Raffaelli, Koller, Aquino, Paletta, Almeida, Antunes, Minto, Kramer and Janczura. For the case study, interviews were conducted with 13 structured questions. The results of the research show that socioeconomic conditions and vulnerabilities affect the lives and teaching and learning of children in the community in several ways.

Keywords: Vulnerability; Conditions; Socioeconomic; Teaching; Learning.

1 INTRODUÇÃO

Tudo que acontece na escola não é exclusivo da escola. Isto é, muito do que acontece na escola está relacionado ao externo. As condições sociais, políticas, culturais e econômicas afetam o trabalho docente e o ensino e aprendizagem ofertado às nossas crianças e jovens. O processo educativo é muito complexo e marcado por causas que senão estudadas levam a interpretação que tudo está sob o controle do docente e do discente.

Na zona rural de Solânea-PB está localizada a comunidade de Santa Fé. Muitos dos que lá se encontram vivem em situação de vulnerabilidade social, territorial, alimentar e ambiental. São famílias de trabalhadores que muitas vezes dependem dos programas sociais para garantir o mínimo de dignidade para seus filhos e filhas.

Como é de se esperar, vivendo nessas condições, essas crianças e jovens encontram-se em condição de vulnerabilidade educacional. Muitos são filhos e filhas de agricultores

familiares e beneficiários do programa Bolsa Família. Eles frequentam a Escola Municipal do Ensino Fundamental Padre Ibiapina, que atende as crianças da comunidade e sítios circunvizinhos. Trata-se de uma escola nucleada e enquadrada como educação do campo.

Nesse cenário, a dificuldade com o transporte, a baixa frequência nas aulas, a escassez de recursos e a falta de material escolar, além da carência de professores preparados para trabalhar nessas condições estão no centro do que se chama vulnerabilidade educacional. A consequência mais comum dessas dificuldades é o desinteresse do estudante e a evasão e abandono escolar.

O interesse em pesquisar essa temática surgiu a partir de minhas experiências pessoais com a comunidade e a escola. Sou morador da comunidade e tenho interagido com a escola inclusive durante a minha formação de pedagogo. Nesse contexto, elaboramos a seguinte pergunta como norteadora da nossa pesquisa: Como as condições socioeconômicas e as situações de vulnerabilidade social afetam o processo de ensino e aprendizagem das crianças da comunidade de Santa Fé, Solânea-PB?

Para responder ao problema, definimos, como objetivo geral, compreender como as relações socioeconômicas e as situações de vulnerabilidade social afetam o processo de ensino e aprendizagem das crianças e jovens da comunidade de Santa Fé, Solânea-PB. Para apoiar o objetivo geral, delimitamos como objetivos específicos, analisar de qual maneira as condições socioeconômicas dificultam a aprendizagem dos estudantes da escola Padre Ibiapina; identificar como o fato das crianças e jovens estarem em situação de vulnerabilidade social afeta a dinâmica no ambiente escolar e, por último, verificar com os docentes as estratégias escolares de enfrentamento das vulnerabilidades.

Do ponto de vista pessoal, essa pesquisa se justifica pelo meu envolvimento com a comunidade Santa Fé e com a Escola Padre Ibiapina. Percebi e senti na pele como as vulnerabilidades afetaram minha vida dentro da escola. Do ponto de vista acadêmico, o tema da vulnerabilidade e seus impactos no contexto escolar requer ainda muita contribuição seja para ajudar na formação dos futuros profissionais da educação ou seja para melhorar as condições de trabalho e aprendizagem em nossas escolas. Por último, do ponto de vista político e social, percebemos a importância de tratar esse tema num país que ainda não democratizou a educação de qualidade e que ignora como a vulnerabilidade social tem importantes consequências para o ambiente escolar.

Para os fins do nosso trabalho, adotamos uma pesquisa de natureza básica, de abordagem qualitativa e exploratória quanto aos objetivos. São sujeitos da pesquisa 4 (quatro) professores da Escola Municipal do Ensino Fundamental Padre Ibiapina, localizada na

comunidade rural de Santa Fé, no município de Solânea/PB. Do ponto de vista procedimental, iniciamos com uma pesquisa bibliográfica seguida de uma pesquisa de campo. Dessa forma, realizamos as leituras da bibliografia elegida e elaboramos um roteiro semiestruturado para entrevistar os professores e coletar as informações necessárias para responder ao problema da pesquisa.

Para apresentar os resultados do trabalho, organizamos nas seguintes seções: primeiro, vamos tratar do conceito de Vulnerabilidade, seus tipos e como ela afeta o contexto escolar; em seguida, apresentamos o percurso metodológico adotado; e, por último, apresentamos os resultados e as discussões. Dessa maneira, seguindo didaticamente esse caminho, desejamos demonstrar que a qualificação das nossas escolas deve levar em conta como as condições socioeconômicas dos estudantes influenciam sua vivência na escola.

2 VULNERABILIDADE

A vulnerabilidade é um tema muito importante quando nosso interesse é entender o processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Carneiro e Veiga (2004), a vulnerabilidade se caracteriza como a exposição à riscos e a baixa capacidade material, simbólica e comportamental de famílias e pessoas para enfrentar e superar os desafios com que se defrontam. Portanto, segundo estes autores, as pessoas em situação de vulnerabilidade enfrentam diversos desafios que influenciam na forma como se relacionam com os outros e com o mundo.

O termo vulnerabilidade já assumiu várias conotações, entre estas, designando grupos ou indivíduos fragilizados, juridicamente ou politicamente, que necessitam de auxílio e proteção para a garantia de seus direitos como cidadãos. O vulnerável carrega, nesse sentido, a ideia do mais fraco, ou seja, aquele que está em desvantagem quanto ao critério de distribuição (renda, serviços, qualidade de vida, educação e saúde) e que é alvo de políticas públicas específicas de auxílio e de busca de garantia de direitos (Scott et al., 2018, p. 608).

Nesse sentido, vale destacar que existem muitos tipos de vulnerabilidade, como, por exemplo, social, ambiental, emocional, territorial, juvenil, pobreza, desigualdade de gênero, desigualdade racial e étnica, exclusão social, acesso limitado à saúde e educação, violência e abuso. Esse amplo espectro de vulnerabilidades mostra a importância de estarmos atentos, na

condição de educadores, às situações que possam prejudicar o desenvolvimento pleno dos estudantes.

2.1 Tipos de vulnerabilidades

A vulnerabilidade social está diretamente ligada à conjuntura com que se dão as relações na sociedade, principalmente a divisão em classe sociais, onde há pessoas que são mais favorecidas economicamente e outras menos favorecidas. Nos termos de Karl Marx e Friedrich Engels, estamos falando da burguesia e a classe trabalhadora. Enquanto a classe trabalhadora vende sua força de trabalho por questões de sobrevivência, ou seja, trabalha para subsistir, a burguesia enriquece cada vez mais e alimenta a ordem capitalista. Assim, temos uma sociedade dividida entre ricos e pobres, os detentores dos meios de produção e os produtores/trabalhadores. Os donos do capital visam o lucro e fazem crescer cada vez mais a desigualdade social por meio desse sistema opressor.

Por vulnerabilidade social entende-se o resultado negativo da relação entre disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas e culturais oriundas do Estado, do mercado e da sociedade (Morais, Raffaelli & Koller, 2012, p. 119). Conforme os autores, nem todos possuem os mesmos recursos e oportunidades. Essa disparidade social é reforçada e alimentada pelo próprio sistema capitalista que não sobreviveria sem a divisão e desigualdade que ele engendra.

Temos também a vulnerabilidade ambiental. Ela pode ser ocasionada por causas naturais ou pela ação humana, ambas impactando negativamente o meio ambiente e as pessoas que usufruem deste meio. Vejamos sua definição:

[...] a vulnerabilidade ambiental pode ser definida como o grau em que um sistema natural é suscetível ou incapaz de lidar com os efeitos das interações externas. Pode ser decorrente de características ambientais naturais ou de pressão causada por atividade antrópica; ou ainda de sistemas frágeis de baixa resiliência, isto é, a capacidade concreta do meio ambiente em retornar ao estado natural de excelência, superando uma situação crítica (Aquino, Paletta e Almeida, 2017, p. 15).

Os desastres naturais e acidentais causados na natureza nos prejudicam de inúmeras maneiras, atrapalhando a forma como vivemos e nossa dinâmica em sociedade. Muitas pessoas são obrigadas a se retirarem das suas residências para preservar a sua vida ou veem o seu lar se deteriorar em razão de fatalidades ocorridas em suas localidades. Esse é um tipo de

vulnerabilidade que atinge o mundo todo. No Brasil pode ocorrer com frequência ou em casos específicos, como por exemplo o caso do nordeste que sofre devido a falta recorrente de água ou em casos de outros estados que sofrem com as exageradas chuvas, inundações que colocam em risco a vida de crianças, adultos, idosos e animais.

Existe também a vulnerabilidade territorial. No Brasil, varia de região para região e pode acontecer de diferentes maneiras. Pode estar relacionada, por exemplo, a desigualdades de ordem social e econômica, com desigualdade de renda, falta de acesso à bens básicos e oportunidades educacionais. Assim, os desastres naturais também estão presentes quando tratamos deste assunto, devido a sua extensão territorial, o Brasil acaba enfrentando questões como o desmatamento, queimadas, enchentes, inundações, deslizamentos de terra etc.

O desmatamento e a degradação ambiental, que prejudicam o meio ambiente e contribuem para a perda da biodiversidade brasileira, é um bom exemplo dessa problemática. Também as queimadas na Amazônia e o desmatamento da região, onde essas ações prejudicam a fauna e a flora local e também outras partes do mundo, pois a Amazônia é considerada o pulmão do planeta terra. Há também a urbanização desordenada gerando altos índices de poluição e posicionando moradias em lugares impróprios que podem sofrer com desmoronamento e enchentes. Os conflitos sociais e a violência urbana também fazem parte das vulnerabilidades territoriais, pois afetam a segurança das pessoas e o desenvolvimento local.

Os especialistas no tema também falam de uma vulnerabilidade juvenil. De acordo com esse autores, muitos jovens são expostos a diferentes tipos de adversidades e as oportunidades são extremamente escassas para jovens periféricos e que encontram-se em alguma situação de fragilidade. Muitos adolescentes são expostos a fenômenos complexos, como ao uso de substâncias ilícitas e ao consumo desregulado de álcool e outras drogas lícitas. Não é de se estranhar que alguns acabam escolhendo o mundo do crime por causa dessa exposição e da falta de oportunidades.

No caso de muitas mulheres jovens, um agravante real é a gravidez na fase da adolescência, onde essas meninas não estão preparadas para vivenciar essa experiência e em muitos casos não conseguem apoio dos seus familiares e do pai da criança. As consequências para essas jovens vão desde o desemprego até o abandono escolar, pois precisam cuidar sozinhas dos seus filhos e a escola geralmente não está preparada para atender essas jovens mães e seus filhos.

A educação é sem dúvida um tema muito importante para a vulnerabilidade juvenil, pois muitos jovens não acessam uma educação de qualidade. Na escola encontram professores mal

preparados, com aulas desestimulantes e a falta de uma boa infraestrutura. Isso quando conseguem acessar uma escola, pois muitos nem sequer conseguem o acesso devido as condições territoriais, como é o caso de muitas cidades que não ofertam escolas do campo.

Com se vê, são muitas as adversidades que impactam negativamente a vida de milhares de adolescentes e jovens que não conseguem enxergar uma perspectiva de vida positiva. Seja pela circunstâncias materiais ou pela escassez de oportunidades. Os obstáculos enfrentados pelas pessoas menos favorecidas socialmente acabam impactando o modo de vida de cada pessoa, pois prejudicam o modo de viver de cada um. Quem está em situação de vulnerabilidade social passa por maiores dificuldades, sejam elas econômicas, socioambientais, falta de acesso à educação de qualidade, a saneamento básico e de oportunidades de modo geral.

2.2 Políticas públicas para reduzir as vulnerabilidades

Visando minimizar as vulnerabilidades, o governo federal brasileiro trabalha na implementação de políticas públicas voltadas para os menos favorecidos. Tais políticas são importantíssimas para a promoção de uma vida mais digna da população pobre. De acordo com o portal de transparência do governo brasileiro, dentre os principais programas de benefícios ao cidadão oferecidos pelo Governo Federal, estão: Auxílio Brasil, Auxílio Emergencial, Bolsa Família (substituído), Benefício de Prestação Continuada (BPC), Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), Garantia-Safra e Seguro-Defeso (ou Pescador Artesanal). Todos esses programas existentes visam a melhoria na qualidade de vida das pessoas que são menos favorecidas economicamente e socialmente no Brasil.

O governo federal é responsável pela criação de políticas públicas para auxiliar as pessoas que mais necessitam. Essas políticas são ações que visam resolver ou amenizar desigualdades sociais. É o caso da política de cotas para o acesso a educação de nível superior e em concursos públicos, as políticas em defesa da mulher, as políticas em defesa do meio ambiente e também políticas públicas voltadas a educação infantil e a educação de jovens e adultos (EJA).

As políticas públicas surgem muitas vezes de maneira emergencial. Isto é, para atender questões graves e emergenciais, como é o caso do Auxílio Emergencial que surgiu durante a pandemia mundial de Covid-19. No Brasil, milhares de pessoas foram afastadas dos seus empregos e passaram a depender do dinheiro provindo desse programa governamental. Alguns perderem seus empregos e outros perderam seus pequenos empreendimentos. Mas de fato, a população mais vulnerável foi a mais afetada pela pandemia.

A educação também passou por momentos difíceis durante o período pandêmico, onde todas as escolas tiveram que fechar as suas portas e os professores tiveram que se reinventar e ministrar suas aulas de suas casas. Os estudantes tiveram que desenvolver suas atividades com seus pais, que muitas vezes não podiam dar o suporte necessário, seja pela falta de formação ou porque não tinham tempo para ajudar os seus filhos nas atividades escolares.

O ensino remoto foi uma das medidas implementadas na educação durante a pandemia com a finalidade de minimizar as consequências do fechamento das escolas. Os professores e os estudantes começaram a fazer uso de novos tipos de tecnologias da informação e comunicação (TICs), como o uso de plataformas de encontro online para ministrar as aulas e a implementação de outras ferramentas disponíveis no mundo digital para suprir a necessidade dos encontros presenciais. Dessa forma:

Com o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) não foram poucos os que acreditaram que uma nova era de felicidade se iniciava: trabalho online, digital, era informacional, finalmente adentrávamos no reino da felicidade. O capital global só precisava de um novo maquinário, então descoberto (Antunes, 2018, p. 19).

Como se vê na citação anterior, o uso das tecnologias da informação e comunicação já era um sonho para muitos. Afinal, devido às suas vantagens, possibilitaria os trabalhos na modalidade Home Office. Nessas condições, as pessoas não precisariam se deslocar de casa para trabalhar. Entretanto, quando olhamos para as populações menos favorecidas, identificamos que muitas famílias não possuíam um aparelho de celular ou computador para realizar as atividades escolares de maneira online, destacando mais uma vez como a vulnerabilidade social fica mais evidente em períodos de emergência social.

Com o uso das TICs no período pandêmico, uma das consequências foi a crítica severa ao trabalho docente e o questionamento da importância e da existência do professorado. Será que:

[...] estaríamos vivenciando uma etapa em que, progressivamente, o trabalho educativo passa a estar não só sendo “auxiliado” pelas tecnologias e suas máquinas, mas também deixando de estar no controle dele, que passa para as próprias máquinas? Seria essa a caracterização de uma revolução no trabalho educativo, no sentido que os entusiastas do ensino remoto atribuem, isto é, com a perda de relevância do sujeito-docente e o protagonismo do sujeito-educando (Minto, 2020, s.n.).

Portanto, por mais que o ensino remoto e as TICs tenham nos auxiliado em um dos momentos de maior vulnerabilidade social já enfrentados pelo nosso país, eles também

trouxeram consequência negativas. No caso dos estudantes, como muitos tinham um acesso precário as ferramentas digitais ou nenhum acesso, as crianças e jovens mais vulneráveis sofrem com um déficit educacional pós pandemia. Muitos não foram alfabetizados e os mais velhos não aprenderam conteúdos básicos para o seu desenvolvimento e para buscar as oportunidades de vida que sonham. No caso dos professores, temos a perda de relevância do profissional num cenário onde as TICs são vistas como solução milagrosa de todos os problemas em educação, além da severa burocratização digital do trabalho docente.

2.3 A Vulnerabilidade e a educação

As dificuldades e desafios educacionais no Brasil são muitas. Docentes que receberam uma formação precarizada, instalações em péssimas condições e a falta de recursos para melhorar a formação dos profissionais e para as práticas pedagógicas. Além disso, desafios como o racismo no ambiente escolar, a homofobia, o bullying, preconceito de gênero, violência, abuso de autoridade de membros escolares e analfabetismo funcional dificultam ainda mais as atividades de ensino e aprendizagem.

De acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu artigo 205, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A educação, como assevera a constituição, é um direito de todos e todas. Entretanto, essa garantia nem sempre é alcançada e, como dissemos antes, muitas vezes alcançada de forma insatisfatória.

No artigo 208 da Constituição Federal lemos também que “O dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; IV - atendimento em creche e pré-escola às crianças de 0 a 6 anos de idade”. Aqui temos a obrigatoriedade do acesso a educação de pessoas com deficiência e de crianças de 0 a 6 anos de idade. Essa obrigatoriedade mostra a preocupação com uma educação inclusiva e que nesse caso considera dois públicos mais vulneráveis.

A chamada vulnerabilidade educacional é uma realidade que afeta inúmeros brasileiros. Seja pelas dificuldades com acesso ou com a permanência e o êxito dos estudantes. Embora no discurso a educação é vista como principal agente de transformação social, na prática nossos governantes não valorizam adequadamente nossas instituições educacionais e os profissionais da educação.

Esse tipo de vulnerabilidade está diretamente ligada à vulnerabilidade social, que afeta especialmente as camadas mais pobres e vulneráveis. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, por meio do trabalho intitulado “Atlas da Vulnerabilidade Social nos Municípios Brasileiros”:

As noções de “exclusão” e de “vulnerabilidade social” têm sido cada vez mais utilizadas, no Brasil e no mundo, por pesquisadores, gestores e operadores de políticas sociais, num esforço de ampliação do entendimento das situações tradicionalmente definidas como de pobreza, buscando exprimir uma perspectiva ampliada complementar àquela atrelada à questão da insuficiência de renda. Assim como as noções de “necessidades básicas insatisfeitas”, “pobreza multidimensional” e “desenvolvimento humano”, exclusão e vulnerabilidade social são noções antes de tudo políticas (ainda que nem sempre sejam percebidas como tal), que introduzem novos recursos interpretativos sobre os processos de desenvolvimento social, para além de sua dimensão monetária (Brasil, 2015, p. 12 - grifos do autor).

A vulnerabilidade social não é apenas intrinsecamente ligada à questão econômica, mas também está diretamente ligada a questões políticas que interferem na dinâmica da sociedade. Vale salientar que o conceito de vulnerabilidade possui diversas facetas e atinge inúmeras áreas do corpo social. Assim, a vulnerabilidade educacional apresenta-se como uma de suas faces, já que ela dificulta o processo de ensino e aprendizagem e o desenvolvimento integral dos estudantes.

Questões relacionadas a vulnerabilidade social, como a pobreza extrema, o grau de formação dos pais e as frágeis condições materiais resultam na vulnerabilidade educacional. Isto é, os estudantes estão mais vulneráveis quando suas condições sociais e materiais não estão satisfeitas. São as crianças e jovens menos favorecidos socialmente e economicamente que mais sofrem.

Muitas vezes é a distância entre a casa e a escola o principal empecilho. O estudante ou tem que percorrer à pé o longo percurso ou fica na dependência de um transporte escolar. Mesmo para aqueles que são agraciados com o transporte, as horas que implicam esperar e embarcar no ônibus cansam e desmobilizam os estudantes para as atividades que realmente importam seja na escola ou em casa.

No campo, a nucleação escolar foi criada na tentativa de reorganizar o ensino por meio da reestruturação do sistema escolar com o fechamento de escolas convencionais e o redirecionamento de seus estudantes para escolas-polo. É uma tentativa de resolver o problema do transporte com uma única escola para onde todos os estudantes do campo deveriam se deslocar. Contudo, como o transporte precisa coletar muitas crianças e jovens em lugares distintos, os estudantes precisam sair de casa muito antes do início da primeira aula. Se não

bastasse isso, eles também chegam cedo para buscar os estudantes, que precisam sair mais cedo das aulas, resultando na privação de várias horas de ensino e aprendizagem. Assim, esta situação compromete diretamente a qualidade da educação oferecida, uma vez que os estudantes não têm a oportunidade de completar o currículo previsto além da constante interrupção das aulas que prejudica a própria dinâmica escolar.

Com o encerramento das atividades escolares em algumas localidades nas zonas rurais, as autoridades públicas estarão perpetuando a privação de serviços públicos nessas comunidades, o que reforça a ideia de que o campo é uma área subdesenvolvida, carente de condições de vida e políticas públicas adequadas. As crianças são obrigadas a se deslocar de suas comunidades para outras circunvizinhas em transportes lotados e precários, arriscando suas vidas.

O problema agora é que alguns desses alunos têm de se deslocar até 30 Km para assistir aula. Os pais desses alunos reclamaram, pois seus filhos necessitam ir a povoados distantes. Nós justificamos que essa é uma situação temporária. Nesse momento é preciso que eles estudem em uma escola que proporcione condições melhores (Antunes, Infonet, 2010, p. 1).

Como se vê na citação acima, a nucleação é sugerida como uma solução temporária. Contudo, cada vez mais ela aparece como uma solução definitiva. Nossas crianças e jovens do campo encontram-se numa situação de vulnerabilidade educacional que implica longas distâncias percorridas em transportes precários além da falta de uma estrutura adequada nessas escolas polos para receber tantos estudantes.

Na Educação Infantil também observamos situações de vulnerabilidade educacional. Nesse caso, a principal dificuldade está relacionada a oferta de vagas para as crianças na faixa etária de 0 a 5 anos e 11 meses. Os pais, primeiro procuram vagas em Escolas de Educação Infantil perto de casa ou do trabalho. Muitos não encontram e se obrigam, quando encontram, a matricular os filhos em escolas distantes. Esse fenômeno é mais percebido nas grandes cidades onde a procura é maior que a oferta.

Os pais procuram as escolas para introduzir os seus filhos no ambiente educacional, mas muitos deles também encontram nesses ambientes a oportunidade de deixar os seus filhos num ambiente seguro, onde as necessidades básicas sejam atendidas e atividades pedagógicas sejam oferecidas. As creches importam não só para o cuidado dessas crianças, mas também asseguram que os pais procurem e realizam atividades trabalhistas para garantir condições minimamente dignas para a sobrevivência de sua família, que não raramente encontra-se em situação de vulnerabilidade social.

É importante destacar o significado da educação recebida na primeira infância. Estudantes que não conseguem o acesso ou que precisam frequentar escolas precarizadas ingressam vulneráveis no Ensino Fundamental. Isso é ainda mais importante se destacarmos que a Educação Infantil sofre com a falta de políticas públicas, evidenciando como essa etapa da educação é desprestigiada. Segundo a professora Sônia Kramer (2006, p. 814):

Os maus-tratos que muitas crianças sofrem, a falta de alternativas saudáveis, a ausência de alegria e de bem-estar nas crianças e nos adultos refletem em mim – e se refratam de mim – como o tanto que há por fazer. Este tanto exige financiamento. Este tanto representa políticas educacionais e democratização de creches, pré-escolas e turmas de educação infantil em escolas, dependendo da opção de cada rede pública, escola privada ou ONG. Este tanto significa formação como escolaridade inicial no ensino médio e na universidade ou formação em serviço, como ainda gosto de chamar (continuada ou em exercício seriam os termos corretos), assumindo – nos dois casos – seu papel de formação científica e cultural [...] Para muitos legisladores e pesquisadores da educação e das políticas sociais, está por ser provado o impacto da educação infantil no desempenho escolar. Eu, como fiz ao longo desses 36 anos, continuo defendendo que a educação infantil é direito.

A autora mostra todo seu descontentamento com o funcionamento da Educação Infantil. Destaca como pontos negativos a falta de financiamento educacional, a escassez de políticas públicas e a inexistência de uma formação em serviço qualificada. Por um lado, no caso do docente, ela sublinha a importância de um profissional atualizado e sempre estudando para implementar na sua prática docente estratégias de ensino mais qualificadas. Por outro lado, a criação de políticas públicas é fundamental para garantir as melhores condições do trabalho docente e para assegurar a aprendizagem discente.

Uma das consequências da vulnerabilidade educacional é a evasão escolar. Em qualquer tempo da vida escolar, muitos estudantes evadem das instituições escolares. Vulneráveis, eles se sentem desmotivados pelas condições as quais são expostos e decidem que é melhor ficar em casa ou, no caso dos mais velhos, buscar um emprego. Uma escola de qualidade deve prezar por um ambiente de ensino e aprendizagem que estimule a permanência e o êxito. Nesse sentido, é fundamental estar atento as vulnerabilidades que os estudantes enfrentam. Conhecendo essas vulnerabilidades, os docentes e gestores podem trabalhar para construir um espaço capaz de contribuir para o desenvolvimento satisfatório de todos. Qualidade para todos, portanto, vai além da meta quantitativa de acesso global, no sentido de que crianças em idade escolar acessem a escola. É preciso garantir a permanência e o desempenho escolar dos que nela ingressam.

Como se vê, a vulnerabilidade social é uma das principais responsáveis pela evasão escolar. Em muitos casos os pais não conseguem manter seus filhos na escola porque não

conseguem transporte ou não conseguem custear a compra de materiais escolares. Muitos desses pais também trabalham por muitas horas e não conseguem ajudar e acompanhar os estudos dos seus filhos. Diante de tantas fragilidades, é muito difícil manter-se matriculado e estudando.

No Ensino Médio a evasão escolar é ainda mais recorrente, pois os estudantes encontram-se desmotivados e na primeira oportunidade de trabalho deixam de estudar. Nesse sentido, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) atende muitos estudantes que estão retornando para escola depois de um bom tempo sem frequentar uma instituição de ensino. São pais e mães. São trabalhadores que, mesmo cansados, escolhem estudar no turno da noite como uma nova oportunidade de retornar aos estudos e concluí-los. Segundo Arroyo (2006, p. 23), “os jovens e adultos veem nas carências escolares uma oportunidade de evadirem-se, por não ter tido acesso na infância e na adolescência ou foram excluídos do sistema de ensino, propiciando-lhes agora uma nova oportunidade com a EJA”.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa é de natureza básica, de abordagem qualitativa e exploratória quanto aos seus objetivos de estudo. Na pesquisa qualitativa, a finalidade é compreender de maneira mais aprofundada e detalhada questões relacionadas ao tema/situação estudado. Ela não visa responder ao problema estudo quantificando os dados. Para Neves (1996, p. 2), “Os métodos qualitativos trazem como contribuição ao trabalho de pesquisa uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo capazes de contribuir para a melhor compreensão dos fenômenos”.

Nesse sentido, primeiro realizamos uma revisão bibliográfica sobre obras, entre livros e artigos científicos, relacionados ao conceito de vulnerabilidade e seus diferentes tipos. Focamos nossas leituras prioritariamente nos conceitos de vulnerabilidade social e vulnerabilidade educacional, pois estão no centro do problema que buscamos responder. O diálogo com a produção acadêmica qualificada sobre o tema nos ajudou nos passos seguintes da pesquisa.

Na sequência, construímos um roteiro semiestruturado com questões para as entrevistas. Decidimos realizar as entrevistas com 4 (quatro) professores da Escola Municipal do Ensino Fundamental Padre Ibiapina, que é localizada na comunidade rural de Santa Fé, no município

de Solânea - Paraíba. O roteiro foi elaborado com 13 (doze) perguntas divididas em duas subsecções, onde evidenciamos, na primeira seção, questionamentos de cunho pessoal e relativos a sua formação profissional. Na segunda seção, estão as questões relacionadas a temática, levando em consideração a realidade dos estudantes da comunidade e as percepções dos professores diante do cenário em que estão inseridos. Isto é, as perguntas buscavam entender se existe uma relação entre a vulnerabilidade social e a aprendizagem dos estudantes.

As entrevistas foram realizadas com uma professora da Educação Infantil Pré II, uma do primeiro ano do Ensino Fundamental e dois professores das disciplinas de matemática e história do Ensino Fundamental Anos Finais, todos eles docentes da Escola Municipal do Ensino Fundamental Padre Ibiapina. São docentes de uma escola que oferece a modalidade de ensino em Educação do Campo, localizada em Santa Fé, Solânea-PB. Ludke (1986, p. 34) afirma que:

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais.

A escolha desse instrumento de pesquisa está relacionado a sua eficiência na realização da coleta de dados para a compreensão do tema estudado. Afinal, o contato em tempo real com o entrevistado permite aprofundar suas respostas. A entrevista utilizou de um roteiro semiestruturado com o objetivo de guiar o diálogo. Mas, como era de se esperar, durante as entrevistas foram acrescentadas novas perguntas a partir das respostas alcançadas.

Por fim, com a finalidade de compreender melhor as respostas provenientes das entrevistas, examinamos e abordamos os dados com a contribuição dos autores que previamente adotamos em nossa revisão bibliográfica. Para esse momento, escolhemos o método dialético, pois entendemos que um fenômeno tão complexo como a vulnerabilidade exigiria um método capaz de considerar a materialidade do mundo, sua dinâmica e suas contradições e principalmente se levarmos em consideração realidades de vulnerabilidade e educação. Afinal, como afirma Gil (2008, p. 14):

[...] a dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, uma vez que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para atender os objetivos da pesquisa, nesta sessão analisamos e discutimos os dados obtidos através das entrevistas. Foram 5 (cinco) questões de cunho pessoal e profissional e 8 (oito) questões referentes à temática da pesquisa. Dessa forma, totalizando 13 (treze) questões com o objetivo principal de compreender como as relações socioeconômicas e as situações de vulnerabilidade social afetam o processo de ensino e aprendizagem das crianças e jovens da comunidade de Santa Fé, Solânea-PB. Os participantes responderam às questões solicitadas e no decorrer da entrevista foram surgindo novos tópicos por meio do diálogo estabelecido entre o entrevistador e os entrevistados.

As entrevistas foram realizadas com 4 (quatro) professores da Escola Municipal do Ensino Fundamental Padre Ibiapina, localizada em Santa Fé, município da cidade de Solânea/PB. Os participantes da entrevista foram 2 (dois) profissionais que atuam no ensino fundamental anos finais e mais 2 (dois) que atuam no ensino fundamental anos iniciais. Decidimos, para preservar o anonimato dos entrevistados, identifica-los com nomes de Saturno, Netuno, Terra e Vênus.

O primeiro entrevistado é Saturno. É licenciado em Matemática e tem especialização em Metodologia do Ensino de Matemática. No ano de 2022 começou a atuar como professor efetivo pela prefeitura de Solânea. Está há 3 (três) anos na Escola Padre Ibiapina. Não ocupou cargo de gestão e nenhuma outra função na área da educação. Ele é professor do ensino fundamental nos anos finais, lecionando do 6º ao 9º ano.

O segundo entrevistado é Netuno. Ele tem curso profissionalizante em nível médio e subsequente. Iniciou a licenciatura em História no ano de 2000 pelo PEC, Programa Estudante Convênio na Universidade Federal de Campina Grande. Concluiu a graduação em 2006 e em 2007 iniciou a Pós-graduação em educação básica. Atua na educação há 28 (vinte e oito) anos, é professor concursado e começou a lecionar na Escola Padre Ibiapina em 2001, permanecendo até 2002. Tirou uma licença de 2 (dois) anos, retornando no começo de 2005. Então, está ininterruptamente há 22 (vinte e dois) anos na escola. Exerceu cargos de vice-direção durante um 1 (ano) em Arara e já foi coordenador pedagógico da secretaria de educação durante 7 (sete) anos na mesma cidade. Ele é docente em turmas do ensino fundamental anos finais, atuando do 6º ao 9º ano.

Já a terceira entrevistada é Terra. É licenciada em Pedagogia e possui pós-graduação em gestão e supervisão. Ela está em sala de aula desde 1998 e vai completar 27 (vinte e sete) anos na área da educação. Atua como professora efetiva há 15 (quinze) anos na Escola Padre Ibiapina e nunca exerceu outras cargos na área da educação. Ela trabalha na educação infantil, lecionando em uma turma do Pré II.

Por fim, a quarta entrevistada é Vênus. Ela é licenciada em Letras e Pedagogia e tem 4 (quatro) especializações: Alfabetização e Letramento, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Psicopedagogia. Atua há 10 (dez) anos como educadora e há 4 (quatro) anos na Escola Padre Ibiapina como profissional concursada. Nunca exerceu cargos diferentes, como de gestão ou outros relacionados à área pedagógica. Trabalha com uma turma do 1º ano do ensino fundamental.

4.1 O impacto das condições socioeconômicas na percepção dos educadores

Janczura (2012, p. 301) afirma que “[...] enquanto risco se refere às condições fragilizadas da sociedade tecnológica contemporânea, vulnerabilidade identifica a condição dos indivíduos nessa sociedade”. As condições socioeconômicas e a vulnerabilidade social estão presentes na vida de muitos moradores na comunidade de Santa Fé, Solânea/PB. Quando questionados se as condições socioeconômicas afetam o processo de ensino aprendizagem dos estudantes, os educadores responderam:

Eu acho que sim, afeta diretamente, né? No dia a dia das crianças. Você considera uma escola do centro ou uma escola privada e percebe que as condições são diferentes (Saturno).

Sim, afetam, e muito. As crianças que vivem em situação de vulnerabilidade alimentar, social, política, econômica... todas essas questões influenciam bastante no nível educacional. E uma coisa que a gente observa é que, quanto mais vulnerável, quanto mais simples a família é, mais dificuldade de aprendizagem aquela família apresenta. Você observa algumas exceções a essa regra, mas é muito raro o aluno que vem de uma vulnerabilidade social muito grande, conseguir ter sucesso na escola (Netuno).

A partir das respostas coletadas nas perguntas iniciais feitas aos educadores, fica evidente que os fatores socioeconômicos representam um dos principais obstáculos enfrentados pelos estudantes da comunidade. As outras duas professoras foram mais breves em suas respostas, respondendo “sim” e “com certeza” ao questionamento.

O primeiro entrevistado estabelece uma comparação direta entre escolas públicas e privadas, evidenciando que são realidades diferentes experimentadas por dois conjuntos

distintos de estudantes. Ele nota que as circunstâncias enfrentadas por esses indivíduos são desiguais. Já o segundo entrevistado cita os diferentes tipos de vulnerabilidades existentes em Santa Fé e demonstra preocupação diante do fato de que muitos não tem um bom rendimento escolar. Saturno adiciona:

Às vezes, eles estão ali para estudar, mas não sabem nem para quê. Não tem uma perspectiva, né? Às vezes, estão ali para, tipo, ter uma obrigação de estar na escola, mas muitos não têm consciência de que a escola pode transformar a sua vida, né? Então isso aí já envolve muito a questão da convivência, a questão da influência dos pais, né? E a questão da alimentação também. A falta de alimentação, isso envolve também a questão da aprendizagem, interfere né?

Os estudantes oriundos deste contexto social enfrentam diversas realidades que impactam na aquisição do saber. Muitos não têm consciência de que a escola é um ambiente que pode elevá-los socialmente caso haja uma preparação e empenho da parte deles. No entanto, o professor entrevistado não menciona estratégias para motivar os discentes a ver o ambiente escolar com uma perspectiva de mudança social, fazendo-os acreditar que poderiam surgir boas oportunidades no futuro e um futuro mais promissor se dedicassem mais tempo aos estudos para seguir uma carreira acadêmica e se profissionalizar. Ademais, a convivência familiar não proporciona um estímulo, considerando que os pais não tiveram muitas chances na escola e, em alguns casos, são analfabetos. Há alguns estudantes que desconhecem o propósito da escola e, ocasionalmente, frequentam esse espaço por obrigação.

No passado, quando eu comecei, em 2001, a vulnerabilidade era um pouco maior, e a gente observava a dificuldade desses alunos em aprender. Muitos vinham para a escola apenas pela merenda e não se preocupavam muito com a aprendizagem. A gente não via um acompanhamento maciço dos pais, vinham de uma condição também de vulnerabilidade e não davam muita importância a educação. Tanto é que, os alunos que eu trabalhei com eles de 2001 até 2012, 2015... acho que até 2020, eu não lembro de um aluno que tenha conseguido sucesso na área acadêmica proveniente da escola. Isso, às vezes, me deixava muito triste (Netuno).

Devido à presença de diferentes formas de vulnerabilidade, os discentes da Escola Padre Ibiapina enfrentam diversas dificuldades para ter sucesso no processo educativo, onde muitos não conseguem atender às expectativas dos professores em relação ao que é proposto e não conseguem ultrapassar esses obstáculos em sua educação. No entanto, há exceções e, em certas situações, os estudantes conseguem se desenvolver nas atividades escolares, apesar de todos esses desafios.

O docente mencionado anteriormente, em comparação com os outros quatro entrevistados, é o mais experiente em relação à Escola e à comunidade, devido ao seu tempo de atuação na instituição. Assim, ele observa que as questões relacionadas à vulnerabilidade social eram mais complicadas em anos passados, dado que eram mais desestabilizadoras do que as vulnerabilidades observadas atualmente. No entanto, essa situação ainda é uma realidade que persiste, pois muitas dessas vulnerabilidades se manifestam no cotidiano das crianças e dos jovens. O professor expressa sua preocupação com o fato de que muitos estudantes não alcançam o sucesso no ambiente acadêmico.

4.2 Vulnerabilidades: a realidade dos estudantes da Escola Padre Ibiapina

A realidade dos estudantes da Escola Padre Ibiapina é cercada por inúmeras vulnerabilidades. Algumas dessas vulnerabilidades são: Vulnerabilidade educacional, social, alimentar, emocional, ambiental, territorial, familiar, digital e etc. Assim, esse tema se torna uma constante quando refletimos sobre a conexão entre a escola e os educandos, bem como sobre o progresso do aprendizado dessas crianças e jovens. De acordo com o Plano Nacional de Assistência Social (Brasil, 2004, p. 42):

A vulnerabilidade à pobreza está relacionada não apenas aos fatores da conjuntura econômica e das qualificações específicas dos indivíduos, mas também às tipologias ou arranjos familiares e aos ciclos de vida das famílias. Portanto, as condições de vida de cada indivíduo dependem menos de sua situação específica que daquela que caracteriza sua família. No entanto, percebe-se que na sociedade brasileira, dada as desigualdades características de sua estrutura social, o grau de vulnerabilidade vem aumentando e com isso aumenta a exigência das famílias desenvolverem complexas estratégias de relações entre seus membros para sobreviverem.

A vulnerabilidade está intimamente ligada a fatores sociais e econômicos, mas esta situação se estende além dessas duas questões, afetando outros aspectos. Atualmente, muitas famílias brasileiras enfrentam várias dificuldades, que podem incluir problemas financeiros, escassez de recursos, escassas políticas públicas e desafios cotidianos que se tornam obstáculos em suas vidas. Dessa forma, a desigualdade social é um elemento destacado, influenciando as dinâmicas familiares de diversas formas, como a ausência de trabalho que permite a elas ter chances dignas e uma boa qualidade de vida. No entanto, essas pessoas acabam se contentando com a mera sobrevivência, quando conseguem um emprego que atenda suas necessidades básicas.

A educação de qualidade deve ser um direito universal e deve funcionar como um serviço público que garante o acesso igualitário para todos. Embora esteja conectada a questões de renda, a vulnerabilidade pode manifestar-se de várias maneiras, desde a ausência de suporte familiar para essas crianças até a falta de oportunidades que lhes são negadas. Assim, embora haja outros aspectos em jogo, as condições socioeconômicas continuam a ser um dos principais fatores que contribuem para as dificuldades enfrentadas por crianças e jovens em seu percurso educacional, especialmente quando ouvimos as histórias compartilhadas pelos educadores da instituição.

A socioeconômica aqui na escola Padre Ibiapina... Eu acho assim: quando você não tem uma bagagem em casa - não é todos, não generalizando -, mas, na maior parte, eu acredito que a falta de alimentação afeta bastante, né? O apoio da família (Terra).

Alimentar, temos a familiar. Muitos alunos só vivem com a mãe, sem o pai. Aí, isso já afeta o psicológico, entendeu? Aí, temos alunos assim: muitos não convivem com pais, muitos não convivem com mães, e até aconteceu de casos de que foram doadas (Vênus).

Como se vê, alguns possuem a falta de atenção e/ou ausência do pai ou da mãe. Outros são cuidados pelos avôs e, conforme mencionado, já aconteceram situações mais sensíveis, como adoções. Os estudantes que enfrentam esses desafios tendem a desenvolver uma grande fragilidade emocional, causada pelo contexto em que vivem. Ao ingressarem no ambiente escolar, eles têm dificuldades para focar nos estudos, não permanecem atentos durante as aulas e, lamentavelmente, carecem de apoio emocional proveniente da instituição de ensino.

A problemática social e econômica dos estudantes da instituição é frequentemente notada pelos educadores, que enfatizam os obstáculos que os estudantes enfrentam para participar do ambiente escolar e se desenvolver plenamente em seu aprendizado. Entre os aspectos relacionados a condições socioeconômicas e as fraquezas presentes, a insegurança alimentar é uma das situações mais citadas pelos professores como um dos principais fatores de complicação e barreira para o progresso dos estudantes na Escola.

Olha, a primeira é a vulnerabilidade alimentar. A gente observa, assim, uma necessidade alimentar muito grande por parte dessas crianças. Muitos passavam muita necessidade. Hoje, acredito que, como consequência dos programas sociais, como Bolsa Família, isso tem diminuído um pouco, mas, ainda assim, muitos alunos vinham para a escola apenas pela merenda. E isso era muito triste. A questão da vestimenta: Muitos não tinham um tênis para ir para à escola, outros não tinham uma roupa adequada. A questão da higiene pessoal também. A gente observava que tinha aluno que parecia que brincava a manhã inteira e, do jeito que terminava de brincar em casa, já ia para a escola. Começou a aparecer com o passar do tempo: a questão das drogas, que muitos, desde novos, já começaram a ter acesso a conviver nesse ambiente, com drogas ilícitas, como também com drogas lícitas (Netuno).

O tema da vulnerabilidade alimentar foi considerado de maneira unânime por todos os docentes. Em diversas situações, apesar de haver exceções a essa norma, os estudantes enfrentam problemas de escassez de alimentos em suas residências, encontrando na instituição de ensino um abrigo para lidar com essa carência alimentar.

Numa versão idealizada, consolidando princípios, propostas e compromissos políticos, a segurança alimentar e nutricional (SAN) seria considerada como a condição em que todas as pessoas, em todos os lugares e durante todo o tempo, teriam garantido o acesso a um conjunto básico de alimentos em quantidade e qualidade adequadas para atender suas necessidades biológicas de energia e nutrientes (Nascimento; Andrade, 2010, p. 34).

Em tese, todos deveriam ter acesso a uma segurança alimentar que garantisse necessidades básicas de nutrição. No entanto, essa é uma realidade distante, especialmente em áreas enfrentando desafios sociais, como a comunidade de Santa Fé, em Solânea/PB. Há uma preocupação em relação às roupas das crianças e adolescentes, muitas das quais não possuem vestimentas adequadas para a escola. Além disso, é mencionado que muitos estudantes frequentemente chegam à escola sem os cuidados necessários com a higiene pessoal. Na sua experiência como professor do ensino fundamental II, Netuno notou que, ao longo do tempo, o consumo de substâncias ilícitas, principalmente legais como o álcool, aumentou entre os jovens. Essa situação representa uma grande dificuldade para os discentes, já que, em diversas situações, o uso dessas substâncias pode leva-los a fazer escolhas que incluem até mesmo abandonar a escola.

Eles chegam desmotivados, porque eles chegam sem materiais. Muitas vezes, eles chegam sem um café da manhã. Não têm apoio nas atividades de casa. Muitos pais não apoiam. Então, tudo isso atrapalha o processo de desenvolvimento deles (Vênus).

É porque a gente percebe que, na comunidade de Santa Fé, ela acaba passando por diversas questões de vulnerabilidade, né? Principalmente socioeconômicas, Como é o caso na econômica: a gente percebe que muitas das pessoas daqui tiram a sua renda apenas do Bolsa Família, né? De programas governamentais como esse. Querendo ou não, as famílias são numerosas, isso acaba faltando alguma coisa em casa e, sem dúvidas, isso vai refletir na escola também, né? Desde a falta de material escolar - que as crianças, às vezes, não possuem o material completo - até a questão da alimentação também, que às vezes, não tem uma alimentação adequada. Então, todas essas questões vão afetar esse processo, não é isso? (Saturno).

A falta de materiais escolares também é uma das realidades enfrentadas por essas crianças. Nem todos possuem os materiais necessários para participar das aulas. Uma das docentes evidenciou que o mais básico eles tem: Caderno, mochila, lápis e borracha. Entretanto,

quando vai realizar alguma atividade mais específica que necessita de massinha de modelar, cola, tesoura, tinta guache, ela mesmo acaba trazendo esses materiais e, em alguns casos, a escola consegue disponibilizar.

Os professores apresentaram novas informações sobre sua crença de que crianças em situações de vulnerabilidade social enfrentam maiores desafios no aprendizado e quais desses desafios eles percebem. Sob essa ótica, foram mencionadas visões que já haviam sido listadas anteriormente por eles, mas que são de suma importância para aprofundarmos a compreensão dessa questão. Vejamos o que diz Saturno:

Eu ensino em outra escola, mas a gente é outra escola, que tem o perfil mais diferenciado. Você tem uma parte que é mais central e tem uma parte que é mais periférica. Então, você consegue ver a diferença entre um perfil e outro. Então, essas crianças que têm dificuldade na parte mais periférica, que convivem nesse ambiente de dificuldade socioeconômica, estão até um pouco mais atrasadas em relação à questão de conhecimento mesmo. São mais atrasados, não conseguem acompanhar o conteúdo. Não tem aquele acompanhamento igual à outra criança. Você passou o mesmo assunto, mas uma acompanhou o conteúdo mais que a outra.

As crianças e adolescentes que frequentam escolas em áreas mais carentes têm uma vivência distinta em relação aos estudantes das instituições situadas no centro urbano, já que, em um contexto, as restrições sociais são mais evidentes, enquanto no outro, essa realidade é mais suavizada. O docente enfatiza esses pontos em suas declarações, sugerindo também a possibilidade de que alguns estudantes são vistos como mais “atrasados” do que outros e, em determinados momentos, têm dificuldade em acompanhar tanto os colegas quanto o material apresentado nas aulas. Ao ser indagado se as crianças que vivem em condições de vulnerabilidade social enfrentam barreiras para aprender, Netuno responde:

Possuem. É um desnível de aprendizagem considerável. Isso, às vezes, até assusta a dificuldade quando a gente compara com aqueles alunos que têm uma vida mais estável socialmente. Na área da aprendizagem, o que a gente observa bastante é leitura, escrita, produção de texto e conhecimento matemático. E isso afeta também a compreensão dos conteúdos de história, de geografia, de cidadania. O aluno que não lê, não interpreta, naturalmente ele vai ter dificuldade em todas as outras disciplinas. Muitos alunos conseguem chegar na escola - eu trabalho no sexto ano - chegam no sexto ano sem esse aprendizado adequado de leitura, de escrita, produção de texto. As habilidades que a BNCC exige, muitos têm dificuldade de adquirir por conta dessa situação, não só por isso, mas muito por conta dessa condição em que vivem.

Os educadores destacam que as condições socioeconômicas são um dos fatores que criam dificuldades no processo de aprendizado, afirmando que crianças com uma situação social mais estável não enfrentam as mesmas dificuldades. No que diz respeito ao aprendizado, o professor da área de ciências humanas expressa inquietação, uma vez que os estudantes que

ingressam no Ensino Fundamental II, especificamente no 6º ano, não têm domínio sobre leitura, escrita e produção de textos, habilidades fundamentais para várias matérias escolares. No entanto, Vênus discorda um pouco dos colegas e relata o seguinte:

Eu acho que depende. Tem algumas crianças que passam por situações, isso é relativo, com situações bem complicadas, que conseguem chegar aqui e ter uma boa assimilação e participação na aula. Isso depende muito do ser. Eu acho que isso é relativo. Eu já vi crianças que têm essas situações. Quando chegam na escola, não impede deles se desenvolver. São poucos, mas sempre tem. Não impede deles de se desenvolver. Não é todos. Tem exceções.

Como se vê, esta professora adota uma abordagem um tanto distinta, mencionando que as condições socioeconômicas têm impacto, mas que isso varia, pois há situações e exceções de alguns estudantes que enfrentam essas dificuldades e, ainda assim, conseguem ter um bom desempenho acadêmico. Para acrescentar, Vênus cita o seguinte exemplo:

Ano passado eu tenho um... Um aluno, ele é super carente. A mãe tem, acho que seis, sete filhos. Ele vinha para a escola justamente com essas vestimentas muito carentes. Um dia, estava chovendo, muita chuva. Ele chegou todo molhado. A sandália arrebentou.
 Ele disse: 'Tia, eu estou com muito frio.'
 Eu disse: 'Cadê o seu casaco?'
 Ele disse: 'Eu não tenho, eu estava com essa roupa ontem'.
 [...] Então, a gente veio na escola, a gente agasalhou ele, fiz até um kit de roupa e ele levou para casa. Mas esse fator não impedia ele de se desenvolver em sala. São casos, mas casos. No caso dele, não atrapalhava. Ele foi uma das primeiras crianças que se alfabetizou, que leu com fluência. Está no segundo ano com fluência, acompanhando tranquilamente a turma com todos esses fatores.

Este caso demonstra a dura e dolorosa realidade que diversas crianças da comunidade de Santa Fé enfrentam na escola, sendo filhos de famílias numerosas que, em várias ocasiões, lidam com dificuldades dessa natureza. No entanto, ela mesma admite que essa é uma situação incomum em comparação a muitos outros contextos, onde alguns estudantes conseguem vencer esses obstáculos e se destacar em suas atividades acadêmicas. Ou seja, a professora percebe que, em várias circunstâncias, eles não conseguem ter um desempenho escolar satisfatório devido a essas vulnerabilidades. É crucial ressaltar que o ideal seria que nenhuma criança passasse por experiências dessa índole, mas, infelizmente, essa ainda é uma realidade bem distante.

Quando questionados sobre quais os tipos de vulnerabilidade social que eles acreditam que as crianças de Santa Fé possuem, o primeiro entrevistado Saturno mencionou a vulnerabilidade econômica, psicológica, financeira, questão de moradia e alimentação, onde todas elas estão ligadas diretamente à questão econômica. Terra citou que eles possuem um

pouco de cada uma das vulnerabilidades, principalmente alimentar e econômica. Já Vênus acredita que eles sempre possuem mais de uma vulnerabilidade, citando a alimentar, territorial, de moradia e familiar. Netuno falou sobre a alimentação, vestuário, higiene pessoal e o ambiente familiar. Saturno e Netuno ainda citam uma vulnerabilidade que não tinha sido comentada: a vulnerabilidade digital.

Então, muitos não têm acesso à tecnologia, uma coisa que é tão popular hoje em dia. Quase toda casa tem, mas lá algumas ainda não têm acesso às tecnologias, que contribuem para o processo de ensino e aprendizado. Isso, sabe? Usado de uma forma adequada, contribui para o processo. E a maioria, alguma quantidade lá, não tem acesso a essas tecnologias (Saturno).

E essa vulnerabilidade digital, como você mencionou agora, me lembra até a lei de proibição de uso de celular na escola. A gente tinha muito pouco problema no Padre Ibiapina, porque poucos alunos tinham celular, tinham acesso ao celular e celular com internet. Às vezes, a gente passa uma pesquisa na internet para casa, e muitos alunos dizem: 'A gente não conseguiu fazer, porque eu não tenho celular com internet em casa.' E os que têm não fazem uso, não conseguem fazer uso para a educação (Netuno).

Os estudantes também enfrentam a vulnerabilidade digital, sendo relatado pelos docentes que muitos deles não têm acesso às tecnologias e, quando têm, não as utilizam corretamente. Segundo o professor, os discentes não usam os celulares para atividades acadêmicas e, se solicitados a criar um texto no Word ou uma apresentação no PowerPoint, eles não conseguem realizar. Ele também menciona a vulnerabilidade ambiental, uma vez que muitos habitantes da comunidade de Santa Fé são agricultores rurais e, em certas épocas de seca, a produção desses alimentos por esses profissionais se torna desafiadora, aumentando ainda mais a vulnerabilidade alimentar.

4.3 As condições socioeconômicas e as dificuldades de aprendizagem

As condições socioeconômicas geram vários desafios para o processo de ensino-aprendizagem. Os estudantes que enfrentam tais circunstâncias tendem a enfrentar maiores desafios, não apenas em suas vidas, mas também no ambiente escolar. Assim, vários fatores surgem dos desafios enfrentados por essas crianças e jovens, já que a questão socioeconômica vai além do aspecto financeiro e de renda, resultando em falta de estímulo, motivação e desinteresse por parte desses estudantes.

Alguns alunos vão para não levar falta. Então, para aprender, a aprendizagem tem dois caminhos: o ensino e a aprendizagem. A gente está lá para ensinar, o jovem tem que

vir para aprender, mas muitos não vêm. Então, isso aí já vem a questão socioeconômica, em questão social. Acho que uma das principais é isso aí: o incentivo. Falta de incentivo e motivação (Saturno).

Olha, a gente observa primeiro o desinteresse. Não há uma valorização da educação por parte dos alunos. Eles não entendem que é a educação capaz de transformar a realidade deles. Por mais que a gente tente incentivá-los, a gente observa um desinteresse muito grande. A outra é uma desatenção. É como se eles vivessem em outra realidade, a gente dando aula, explicando conteúdo, tentando interagir com uma atividade interessante, e é como se eles vivessem em um mundo paralelo. Essas duas realidades são as que mais complicam: o interesse (falta) e a desatenção (Netuno).

Eu acho que elas possuem a de concentração; elas não se concentram, elas não têm apoio familiar e elas são mais vulneráveis a não continuar lá na frente. Tipo, chegar como chega... Continuar estudando. Porque não tem incentivo. É como a gente começa a conversar... tem professores da tarde, né, que conversa, e a gente diz assim, que é uma coisa que, assim, dá sequência e é difícil um aluno chegar no ensino superior [...] (Terra).

Percebemos que o estímulo e a motivação dos estudantes durante as aulas é um aspecto que deixa a desejar. Os educadores atribuem isso principalmente ao fato deles serem socioeconomicamente vulneráveis. Netuno fala que está na sala de aula para ensinar e os estudantes aprenderem, mas seria importante que ele tivesse em mente que várias situações particulares contribuem para que esses discentes não enxerguem o ambiente escolar de forma positiva.

Por outro lado, Terra menciona que os professores buscam estimular os estudantes a cultivarem uma percepção mais positiva em relação ao ambiente escolar, uma vez que eles demonstram grande desinteresse e aparentam estar em uma "realidade alternativa". Isso ocorre porque, durante as aulas, eles frequentemente não prestam atenção ao que o docente está tentando transmitir, levando o educador a adotar uma perspectiva mais atenta sobre o processo de ensino.

Os professores mencionam que as principais dificuldades geradas pela vulnerabilidade estão ligadas à ausência e à desatenção dos estudantes. Além disso, destacam que muitos carecem de suporte familiar e não veem na escola uma maneira de mudar essa situação, uma vez que para um estudante da comunidade é extremamente complicado permanecer no ambiente acadêmico. Acrescenta Vênus:

A gente precisa ter um olhar dele, não só da aprendizagem, mas de por que ele não está conseguindo aprender. Não é só dificuldade de aprendizagem. Às vezes, tem outro fator que a gente precisa ter um olhar diferenciado.

O professor precisa se colocar na posição do estudante para melhor entender sua realidade, buscando entender e identificar as razões pelas quais eles enfrentam tais dificuldades,

para dialogar e, através dessa conversa, encontrar novas soluções que minimizem tais problemas. Assim, não se trata apenas de observar os obstáculos presentes no processo de ensino-aprendizagem, mas também de investigar as verdadeiras razões que impedem os discentes de se desenvolverem.

É como se a escola fosse apenas um... passatempo, entendeu? Porque muitos vão para a escola. Eu acredito que uma coisa que facilitou muito o ensino foi o fato de o aluno ser obrigado a estar na escola e a família ser punida se ele não estiver. Mas, assim, muitos vão para a escola apenas para que os pais não percam os benefícios sociais, ou porque é uma espécie de passatempo. Por exemplo, uma coisa que eu observo muito: eles gostam de estar na escola, mas não gostam de estar na sala de aula estudando. Como se a escola fosse um passatempo para muitos (Netuno).

A criação de programas sociais pelo governo foi um grande incentivo para manter os estudantes frequentando o ambiente escolar, principalmente se considerarmos que existem algumas regras para que os beneficiários desses programas continuem recebendo esse auxílio. Assim, neste cenário, a presença na escola é fundamental e leva diversos pais a motivarem seus filhos a frequentarem as aulas. Caso contrário, isso pode resultar na perda de um importante benefício, essencial para que todos os beneficiários possam lidar com necessidades básicas, especialmente relacionadas à alimentação.

A escola aparenta ser um excelente ambiente para cultivar relações sociais. Esse aspecto pode explicar uma das observações feitas pelo docente, que menciona que muitos estudantes apreciam estar na escola, mas não se sentem confortáveis ou não têm muito apreço por estar nas aulas. Esse é um ponto a ser considerado pelos educadores da escola, para que possam encontrar estratégias que atraiam mais esses discentes para o ambiente de classe.

E outra coisa que a gente observa é uma realidade: a gente não tem atividade de lazer. Não tem clube, não tem cinema, não tem escola de futebol, não tem nenhum programa social que os inclua. A única coisa que tem é o santuário, o Memorial Padre Ibiapina, que oferece apenas catecismo, a atividade na área da Igreja Católica, da Igreja da Religião Católica. Mas, fora isso, a gente não vê outra atividade de lazer. Então, a escola acaba sendo uma espécie de válvula de escape para esses alunos fugirem um pouco daquela realidade em que eles vivem todos os dias (Netuno).

O mesmo educador indica possíveis razões pelas quais os discentes apreciam a escola, porém não têm interesse em estudar. Ele destaca a escassez de momentos de diversão na comunidade de Santa Fé, uma vez que não há alternativas de entretenimento para crianças e adolescentes, causando a falta de atividades além daquelas oferecidas no ambiente escolar. O único local de lazer disponível é o Memorial Padre Ibiapina, que se limita a práticas religiosas associadas à igreja católica, como a catequese. Dessa forma, os habitantes da comunidade não

possuem opções para aproveitar seu tempo livre, devido à ausência de políticas sociais e programas focados em atividades de lazer.

Muitos chegam abatidos, muitos chegam sem querer socializar, não conseguem se concentrar. É nossa tarefa como professor é enxergar um pouco além, além da aprendizagem. Não, ele tem dificuldade, mas ele tem dificuldade porque... Porque ele não tem um acompanhamento em casa, porque ele tem um pai em casa que chega alcoolizado e descarrega tudo em cima dele. Ele não tem uma boa alimentação, ele não tem carinho no seu lar, ele não tem aconchego no lar. A gente tem sempre esse olhar. Além da dificuldade de aprendizado, a gente procura o contexto. Em vários setores, porque se uma criança chega com problemas de casa, ela vai precisar de um tempo, de nosso apoio, de nossa atenção, para que ela volte a acompanhar a atividade. Se ela chega com fome, ela também não vai ter estímulo para começar a fazer (Vênus).

Os aspectos sociais e econômicos impactam a vida dessas pessoas de diversas maneiras, sendo que frequentemente as experiências que os estudantes vivenciam em suas residências são levadas para a escola. A recepção do professor é crucial para esses estudantes, que muitas vezes chegam à sala de aula afetados por várias situações que vivenciam em casa, que afetam negativamente seu rendimento escolar.

4.4 Estratégias escolares e pedagógicas para enfrentar as vulnerabilidades

Diante de vários desafios originados por condições socioeconômicas e situações de vulnerabilidade social, é imprescindível que a escola e os docentes implementem estratégias para atenuar essa questão na instituição. Assim, questionou-se aos entrevistados quais ações a escola adotava e quais estratégias utilizavam para tentar contornar essa situação em sala de aula. De acordo com os professores, a escola busca auxiliar da seguinte forma:

Auxílio de material, auxílio emocional, auxílio - como eu já falei - até questão de roupas, de vestuários, e auxílio alimentar. Porque, se chega uma criança aqui sem tomar café, as meninas da direção já chamam e já dão esse apoio a elas. Elas já tomam aquele cafezinho assim que chegam e voltam para a sala de aula. A escola sempre tenta sanar da melhor forma possível, e nas condições que temos (Vênus).

Quando a gente fica sabendo de algum caso extremo, que em casa não tem o que comer - que já aconteceu várias vezes aqui -, nós, professores e a gestão, normalmente fazemos uma cesta básica. Aí a gente faz uma mobilização entre nós, professores, e a gestão pega alguma coisa, né? E a gente faz essa doação. Aconteceu semana passada, no caso tem uma grávida, é no turno da tarde, diz que ela não tem... nada para o bebezinho. Então, a gente fez uma movimentação entre nós, professores, e doamos algumas coisas (Terra).

A escola e sua equipe demonstram um forte comprometimento e buscam resolver as questões relacionadas às vulnerabilidades das crianças de diversas formas, tentando oferecer

suporte dentro das possibilidades da equipe pedagógica e da administração. As educadoras ressaltam que organizam iniciativas para auxiliar em situações críticas, como a entrega de cestas básicas e roupas para as famílias em necessidade. No entanto, seria benéfico que as escolas da cidade tivessem disponível um profissional da psicologia para atender esses jovens, já que em muitos casos isso poderia prevenir traumas na vida dos estudantes. Afinal, às vezes, uma conversa com o professor ou o diretor pode não ser suficiente.

No entanto, é crucial a comunicação entre docentes e discentes para que estes se sintam mais compreendidos. Uma das educadoras menciona um caso recente de gravidez na adolescência, onde uma jovem precisava de suporte para cuidar do bebê. Esse tipo de situação cria barreiras na educação dos jovens, pois prejudica seus estudos, principalmente ao se considerar que a gravidez na adolescência impõe variadas responsabilidades e desafios para uma mãe ainda não preparada para enfrentar uma situação tão séria.

A gente tenta acolher da melhor forma possível. A gente tenta fazer a nossa parte, trazer o conteúdo de uma forma, tentar passar para eles, incentivar eles e procurar desenvolver uma consciência de melhorar, de ver a educação como até uma saída dessa vulnerabilidade. Faz algumas atividades lá que envolvem a comunidade, por exemplo: a quadrilha junina, a festa das mães, algumas atividades que envolvem a comunidade (Saturno).

Às vezes, tem uma palestra durante o ano. Um evento que ajuda a informar esses alunos, tentar aconselhar, mostrar a realidade em que eles vivem, como eles saírem dessa realidade. Mas a atividade principal é o ensino aprendizagem, aquelas atividades propostas no dia a dia para diminuir a questão das dificuldades na área de leitura, de escrita, compreensão de texto, produção de texto e com questões que ajudem eles a compreenderem a realidade na qual eles vivem e, a partir daí, tentar mudar essa realidade. Nos últimos dois anos, teve um projeto muito importante de robótica na escola. A escola também... Já chegou a promover, durante um tempo, o programa Mais Educação, com oficinas de arte, com oficinas de música e leitura. Esse ano, vai continuar com o programa de robótica. Sempre tem um programa que, durante o ano, tenta diminuir um pouco essa dificuldade dos alunos e promover atividades diferentes (Netuno).

A conexão entre escola e comunidade é fundamental para o crescimento dos estudantes, uma vez que é essencial escutar seus familiares para compreender melhor o ambiente em que estão inseridos e criar estratégias de incentivo por parte dos pais, educadores e da gestão da escola. Segundo Souza e Sarmiento (2010, p. 147):

[...] apresenta-se como fundamental a interação positiva da escola com a família, por forma a desenvolver-se uma relação colaborativa entre estas duas instituições mutuamente responsáveis pelo prosseguimento adequado do processo de escolarização e educação.

Além disso, o suporte dos professores é fundamental para resolver essas questões nas aulas, permitindo que adaptem os conteúdos à realidade dos discentes. No que diz respeito às atividades, a prática de ensino e aprendizagem é o aspecto central para atender a essa necessidade. A proposta de variadas atividades pode ser uma excelente maneira de incentivar nas crianças o interesse e a paixão pelos estudos. Dentro da sala de aula, os educadores entrevistados utilizam as seguintes estratégias:

Eu vou criando ambientes que eles possam se sentir à vontade, confortável, onde existe o diálogo todos os dias com a gente, na roda de conversas, que eles me contam como estão. Sempre gosto de perguntar, que possam se sentir à vontade E pra você? Você se sente bem hoje? Aconteceu isso ou aquilo em casa. É... mas isso vai se resolver. Essas situações, a gente vai tentando conversar, vou tentando abordar da forma possível, da melhor forma possível (Vênus).

Na sala de aula, no aprendizado, vai fazendo alguma coisa lúdica, aquilo que vai se encaixando no assunto, alguma dinâmica. E vai vendo aquilo que vai dando certo, que não vai tá dando certo. O ano passado eu fui por um caminho, mas esse ano eu já estou indo por outro caminho. Então, quais são essas estratégias? A gente vai vir com metodologias diferentes. Eu percebo que meus alunos, esse ano, não têm coordenação motora. Estão no Pré II e eles não têm coordenação motora. Então, eu estou trazendo atividades mais direcionadas à coordenação motora (Terra).

As educadoras, na sala de aula, adotam metodologias diversificadas. A primeira, Vênus, prefere dialogar com seus estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental para conhecê-los melhor e entender a situação individual de cada um, oferecendo orientações para que eles superem as dificuldades e tenham um desempenho acadêmico mais satisfatório. Ela também aprecia usar materiais práticos e cria atividades que se alinham à realidade de cada estudante, mantendo um planejamento adaptável, ajustando-se conforme necessário. Vênus acrescenta: "Gosto de trazer muitos recursos, para que eles possam manusear. Estamos aprendendo sobre a família silábica; não me restrinjo apenas ao papel. Apresento outros objetos que eles possam ver e associar de forma diversa".

Por outro lado, a segunda educadora, Terra, também utiliza abordagens lúdicas com seus estudantes, esforçando-se para atender às necessidades individuais e monitorando onde as crianças precisam de mais apoio. Sendo uma turma de Pré II, a educadora menciona a questão da coordenação motora e propõe soluções para esse aspecto.

Quando se trata de estratégias de enfrentamento das vulnerabilidades, Saturno e Netuno também falam da necessidade de dialogar com os estudantes para conhecer melhor suas necessidades. Além disso, falam de criar atividades diversificadas que possam mobilizar os

estudantes em sala de aula visando a transformação da sua condição de vulnerabilidade. Dizem eles que:

A gente tenta adequar o conteúdo ensinado à realidade dos alunos. Como a gente falou, tentando despertar nele o interesse em mudar a sua própria realidade, na verdade. Então, a gente tenta tratar cada um com dignidade, com respeito, e mostrar isso para ele. Tenta mostrar o caminho que a educação pode proporcionar na vida dele (Saturno).

A gente vai aprendendo e tentando se moldar a essa realidade difícil. As estratégias são atividades diversificadas, variadas: roda de leitura, produção de texto, muita leitura com esses alunos que têm essas dificuldades, e aulas expositivas e dialogadas, promovendo uma maior participação dos alunos. Mas o que mais eles gostam é diversificar as atividades. Eles se cansam daquelas atividades repetitivas, aí a gente procura, no dia a dia, ir adaptando as atividades para a realidade de cada um. Mas é muito difícil, é muito difícil envolver os alunos nessas atividades (Netuno).

Como se vê, os docentes mencionam que buscam adaptar suas práticas à realidade dos estudantes, com o objetivo de criar atividades que sejam relevantes e incentivem a participação deles. Um dos educadores enumera as diversas atividades que desenvolve com os discentes, visando o seu crescimento dentro da sala de aula. Ele menciona os desafios e os progressos que observa a partir dessas atividades que são contextualizadas e direcionadas a atender as suas necessidades acadêmicas. No entanto, é realmente complicado oferecer uma aprendizagem que tenha significado, considerando o contexto em que os estudantes estão inseridos e ainda aplicar metodologias eficazes no enfrentamento das vulnerabilidades que essas crianças e jovens estão expostas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos a nossa pesquisa, tínhamos o objetivo de compreender como as relações socioeconômicas e as situações de vulnerabilidade social afetam o processo de ensino e aprendizagem das crianças e jovens da comunidade de Santa Fé, Solânea-PB. Durante a realização desse estudo, das pesquisas bibliográficas e das entrevistas realizadas com os educadores da Escola Municipal do Ensino Fundamental Padre Ibiapina, notamos que o público alvo passa por inúmeras vulnerabilidades, não só provindas de condições socioeconômicas, mas também de outros aspectos que influenciam em seu desenvolvimento.

Além disso, procuramos entender como as condições sociais e econômicas impactam o aprendizado dos Estudantes da Escola Padre Ibiapina, notando que eles enfrentam uma

variedade de vulnerabilidades, incluindo sociais, educacionais, alimentares, financeiras, psicológicas, familiares, territoriais, ambientais, entre outras. Conforme mencionado por um dos professores, eles experimentam um pouco de cada uma dessas fragilidades. Entretanto, quando todas essas dificuldades são consideradas juntas, elas refletem de forma adversa a situação que crianças e jovens da comunidade enfrentam.

Conseguimos perceber de que maneira a condição de vulnerabilidade social das crianças e adolescentes influencia as interações no espaço escolar. A insegurança alimentar foi um dos assuntos mais frequentemente mencionados a respeito dessa questão, destacando como a chegada de crianças à escola sem uma nutrição apropriada impacta o desempenho nas atividades escolares.

A falta de material escolar, vestimentas e higiene pessoal foram igualmente apontadas pelos professores como momentos desafiadores na trajetória desses estudantes. Observando de maneira mais abrangente a comunidade, levando em conta as famílias, torna-se claro que muitas delas carecem de estrutura. Não se pode afirmar isso de forma geral, mas em diversos casos, essas famílias são compostas por muitos membros, e várias crianças, adolescentes e jovens não vivem com seus genitores. Às vezes, a figura paterna ou materna está ausente, e em certas situações, o pai consome álcool em excesso, com alguns dos jovens sendo cuidados pelos avós.

A vulnerabilidade territorial/ambiental apareceu no decorrer das discussões, onde um educador faz comparações entre escolas do centro e periféricas, evidenciando que nesse caso as condições socioeconômicas afetam mais a realidade desse público. Já outro educador relata a situação ambiental, levando em consideração que a maioria dos moradores da comunidade de Santa Fé são trabalhadores rurais e em tempos de estiagem acabam passando por dificuldades na produção de alimentos para sua subsistência.

Além disso, consultamos os professores sobre as estratégias utilizadas na escola para enfrentar vulnerabilidades dentro da sala de aula e de que maneira a instituição busca mitigar essas circunstâncias. Na sala de aula, os docentes buscam implementar métodos lúdicos que engajem mais os discentes no ensino, colocando-os como protagonistas desse aprendizado. Os educadores mencionam suas variadas estratégias didáticas para tratar dos desafios gerados por condições socioeconômicas e pelas vulnerabilidades enfrentadas por crianças e jovens, cada um destacando sua abordagem única para melhorar o desempenho na sala de aula.

A escola adota uma abordagem mais humana em relação a tais temas, apoiando os estudantes mais vulneráveis. Os docentes e a gestão da escola organizam esforços para auxiliar os estudantes em situação vulnerável, abrangendo desde doações de alimentos e roupas até iniciativas de suporte a uma jovem que está grávida.

Assim, fica evidente que as dificuldades socioeconômicas e as fragilidades sociais impactam o aprendizado dos estudantes da comunidade de Santa Fé, em Solânea/PB. Isso já era percebido pelo autor, que, como residente e estudante de Pedagogia, realizou estágios na escola. No entanto, esta pesquisa possibilitou uma compreensão mais aprofundada dessa situação. Para projetos futuros, é essencial explorar mais profundamente essa questão que impacta fortemente a atuação da escola e o desempenho dos educadores. Desconsiderar as circunstâncias e o passado de cada estudante é um caminho certo para o insucesso acadêmico.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Afonso Rodrigues de et al. **Vulnerabilidade ambiental**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 15–28. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/vulnerabilidade-ambiental-20402/>. Acesso em: 07 mai. 2024

BRASIL. Portal da Transparência. **Benefícios ao cidadão**. Disponível em: <https://portaldatransparencia.gov.br/entenda-a-gestao-publica/beneficios-ao-cidadao>. Acesso em: 07 mai. 2024.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004**. Brasília, DF: MDS, 2004. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf. Acesso em: 27 mar. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Casa Civil. Brasília/DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 mai. 2024.

GERANDO FALCÕES. **O que é vulnerabilidade social**. Blog Gerando Falcões, [s.d.]. Disponível em: <https://blog.gerandofalcoes.com/o-que-e-vulnerabilidade-social/>. Acesso em: 07 mai. 2025.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INFONET. **Poço Redondo: 23 escolas sem autorização**. Sergipe, 2010. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/educacao/poco-redondo-23-escolas-sem-autorizacao>. Acesso em: 27 mai. 2024.

JANCZURA, Rosane. Risco ou vulnerabilidade social?. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 11, n. 2, p. 301–308, 28 dez. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/12173>. Acesso em: 07 mai. 2024.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. – **OK** ou LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. Disponível em:

https://hugoribeiro.com.br/area-restrita/Ludke_Andre-Pesquisa_Educaca_abordagens_qualitativas.pdf. Acesso em: 2 jan. 2025.

MINTO, L. W. A pandemia na educação. RTPS - **Revista Trabalho, Política e Sociedade**, v. 6, n. 10, p. 139–154, 30 jun. 2021. Disponível em:

<https://www.costalima.ufrj.br/index.php/RTPS/article/view/810/1016>. Acesso em: 11 mai. 2024.

NASCIMENTO, Amália Leonel; ANDRADE, Sônia Lúcia L. Souza de. **Segurança alimentar e nutricional: pressupostos para uma nova cidadania?**. *Ciência & Cultura*, São Paulo, v. 62, n. 4, p. 40-42, out./dez. 2010. Disponível em:

http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000400012. Acesso em: 27 mar. 2025.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisa em administração*, São Paulo, v.1, nº03, 2ºsem/1996 Acesso em: 02 Jan. 2025

RODRIGUES, Wallace. CONSTRUINDO O CONCEITO DE VULNERABILIDADE EDUCACIONAL. **Revista Panorâmica online**, [S.l.], v. 24, 2018. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/755> Acesso em: 15 mai. 2024.

RODRIGUES, Wallace. Vulnerabilidade Educacional na Educação Infantil: Um Problema de Políticas Públicas. **Revista Porto das Letras**, Porto Nacional, v. 05, n. 01, p. 75-84, 2019. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/download/5276/14836/30647>. Acesso em: 28 mai. 2024.

SANTOS, I. P. S. A evasão escolar na EJA. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 61–72, 28 abr. 2018. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/olharet trilhas/article/view/41925>. Acesso em: 01 mai. 2024.

SCOTT, J. B. et al. O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 600–615, 1 ago. 2018. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000200013#:~:text=Por%20vulnerabilidade%20social%20entende%2Dse. Acesso em: 09 mai. 2024.

SOUSA, M. M. de; SARMENTO, T. Escola – família - comunidade: uma relação para o sucesso educativo. **Gestão e Desenvolvimento**, n. 17-18, p. 141-156, 1 jan. 2010. Disponível em: <https://journals.ucp.pt/index.php/gestaoedesenvolvimento/article/view/133>. Acesso em: 06 abr. 2025.